

AS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS PÚBLICAS COMO ESPAÇOS PARA FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

Rafael Medeiros
Nísio Teixeira

Resumo: As emissoras vinculadas a universidades federais somam atualmente 28 rádios que incorporam algumas configurações particularizantes fundamentadas nos aspectos próprios das universidades onde estão inseridas. Como parte de uma pesquisa mais abrangente (MEDEIROS; TEIXEIRA, 2018a; 2018b), o aspecto discutido no presente trabalho é o que diz respeito à potencialidade das rádios universitárias enquanto espaços de formação complementar, como laboratórios que permitem a experimentação do aprendizado tido em sala de aula. A metodologia utilizada se concentra na aplicação de questionários para os ex-bolsistas das rádios UFMG Educativa e UFOP Educativa e em entrevistas com diretores das duas rádios como forma de dimensionar a importância do trabalho dos estagiários dentro dessas emissoras.

Palavras-chave: formação complementar; estágio; rádios universitárias; Rádio UFMG Educativa; Rádio UFOP Educativa.

1. Introdução

As emissoras vinculadas a universidades federais somam atualmente 28 rádios que, embora identificadas indistintamente como emissoras educativas (e suas características reúnam as funções legalmente discriminadas para essa tipologia de rádios), incorporam algumas configurações particularizantes fundamentadas nos aspectos próprios das universidades onde estão inseridas.

A programação das rádios públicas educativas vem sendo construída desde o início da radiodifusão no Brasil (ZUCULOTO, 2012). As rádios das universidades federais, como públicas e educativas, incorporam as características dessa construção e adicionam seus aspectos próprios, que as particularizam dentro do universo das rádios públicas: o **espaço universitário** (plural, democrático e abrangente), a **divulgação da produção universitária** e a **formação complementar**.

Como parte de uma pesquisa mais abrangente (MEDEIROS; TEIXEIRA, 2018a; 2018b), o aspecto discutido no presente trabalho é o que diz respeito à potencialidade das rádios universitárias enquanto espaços de formação complementar, como

laboratórios que permitem a experimentação do aprendizado tido em sala de aula. A pesquisa principal tem como foco os modelos de programação das rádios universitárias públicas e utiliza como base a programação das rádios UFMG Educativa e UFOP Educativa, escolhidas por serem emissoras consolidadas e com características semelhantes, assim o recorte se funda nas rádios universitárias federais.

A metodologia utilizada para entender como as emissoras podem contribuir para a formação dos estudantes se concentra na aplicação de questionários aos ex-bolsistas das duas emissoras. Além disso, entrevistas já realizadas com o diretor de jornalismo da Rádio UFOP Educativa, Gláucio Santos (2017), e com o ex-diretor da Rádio UFMG Educativa, Elias Santos (2014), ajudam a dimensionar a importância do trabalho dos bolsistas dentro das redações dessas emissoras.

Nos poucos estudos sobre a radiodifusão universitária, essa noção de rádio como laboratório é apontada levando em conta a possibilidade do uso da emissora pelos alunos da universidade como um espaço complementar ao da sala de aula. Essa função das emissoras servindo experimentalmente para atividades didáticas vem desde as primeiras rádios universitárias. Sandra de Deus (2003), considera que esse aspecto é importante função das rádios universitárias porque

é na atividade laboratorial desenvolvida na emissora de rádio da universidade que os estudantes ultrapassam os estreitos espaços da sala de aula e da avaliação do professor. Aprendem que no rádio não existem espaços em branco, frases recheadas de adjetivos e que a mensagem radiofônica é fruto de um excelente conhecimento da língua, da agilidade na interpretação do fato e no rigor da pesquisa jornalística. Acabam por dividir com a sociedade o seu fazer e a sua avaliação. (DEUS, 2003, p. 312)

A autora também compartilha do entendimento de Kempf (2003) ao considerar que o aspecto das rádios universitárias como espaços de formação complementar beneficia os estudantes, mas também as próprias emissoras:

A liberdade de experimentar novos formatos, de inovar quanto ao conteúdo da programação, beneficia a formação de uma rádio diferente das comerciais e, ao mesmo tempo, desenvolve nos estudantes, conhecimento e criatividade para a realização da futura atividade profissional (KEMPF apud DEUS, 2003, p. 314).

Um levantamento feito pela pesquisa em setembro de 2017 mostra a importância dos estagiários na composição da equipe dessas emissoras. Quase a metade da equipe da Rádio UFMG Educativa é constituída de bolsistas, enquanto na Rádio UFOP Educativa a importância deles é ainda mais representativa considerando que eles somam quase três vezes o número de funcionários.

Partindo de algumas experiências da Rádio UFOP Educativa e da Rádio UFMG Educativa, nessa pesquisa a compreensão da função das rádios universitárias como laboratórios abarca a noção de prolongamento das salas de aula, mas expande o entendimento como possibilidade de experimentação e aprendizado não só para os estudantes, levando em conta a abertura das emissoras a iniciativas externas e extensionistas.

2. A formação complementar nas bases históricas das rádios universitárias

De maneira geral, a atividade acadêmica laboratorial pode ser entendida como “exercício de experimentação, de aplicação de conhecimentos, de atividades práticas; é a realização de notáveis operações e transformações na formação e no mundo do estudante” (SPENTHOF, 1998, p. 156). As primeiras rádios universitárias instaladas no Brasil foram criadas com claros objetivos de servirem como espaços para formação complementar dos alunos de diferentes cursos dessas instituições.

Pioneira entre as emissoras universitárias, a Rádio da Universidade, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi fundada oficialmente em 18 de novembro de 1957, mas em 1950 a rádio começou a transmitir experimentalmente quando o curso de engenharia da universidade “inaugurou transmissões que serviam como laboratório para atividades didáticas” (CUNHA, 2010, s.p.). A segunda rádio universitária, a Rádio da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), foi criada em 1961 também “para fins de estudo, como laboratório de telecomunicações. No princípio, funcionava por duas horas diárias na frequência de 1490 kHz” (UNIFEI, 2018, s.p.).

Ainda como forma de exemplificar o papel histórico das emissoras universitárias públicas como espaços para formação complementar, é interessante resgatar a última emissora na tríade das pioneiras: a Rádio da Universidade Federal de Goiás. A RU foi

criada na universidade goiana em 1962 e, conforme destaca o ex-coordenador de atividades laboratoriais da emissora, professor Edson Luiz Spenthof (2007),

desde 1972, a Rádio Universitária da UFG passou a ser espaço também para a realização de atividades laboratoriais por parte dos alunos de jornalismo da instituição. A existência da rádio e do espaço para as atividades práticas dos estudantes foi essencial para o reconhecimento desse curso, em 1979, e para o de radialismo, em 1987. A história da ocupação da emissora para a realização de atividades laboratoriais é marcada por idas e vindas, mas, sem dúvida, por um grande êxito pedagógico (SPENTHOF, 2007, p. 3).

Se as emissoras universitárias pioneiras têm marcadamente em suas bases de produção a atividade laboratorial, as rádios universitárias criadas mais recentemente também incorporaram essa característica em suas estruturas. Uma das rádios mais novas com vinculação universitária é a Rádio UFT FM, da Universidade Federal do Tocantins. Fundada em 2016, a emissora explicita, em documento que fixa suas diretrizes, o compromisso com a formação complementar:

A UFT FM é também um espaço privilegiado de formação tanto dos alunos de graduação e pós-graduação da Universidade (não somente do curso de Comunicação Social, mas de TODOS os cursos), no nível do ensino formal, quanto para diferentes membros da sociedade, considerando suas possibilidades de ensino informal e formação para a cidadania. (UFT, 2018, p. 10)

Como será evidenciado adiante, as duas emissoras que fazem parte do escopo do presente artigo também têm essa visão amplificada das suas funções enquanto inseridas em um espaço privilegiado para formação dos estudantes da universidade, em nível formal, e também de colaboradores externos e de diferentes membros da sociedade considerando que, enquanto inseridas em um espaço potencialmente, múltiplo, diverso, abrangente e heterogêneo, as emissoras oferecem

oportunidade de atuação inter, multi e transdisciplinar, permitindo aos indivíduos que extrapolem conhecimentos e habilidades para diferentes situações dentro de seu campo de atuação profissional e relacionem conhecimentos e habilidades de diferentes áreas (UFT, 2018, p. 10).

No próximo tópico será explicitado como essa função é integrada aos modelos de produção de conteúdo das rádios UFOP Educativa e UFMG Educativa na visão de dois gestores dessas rádios.

3. Rádio UFOP Educativa e Rádio UFMG Educativa: espaços privilegiados para formação complementar

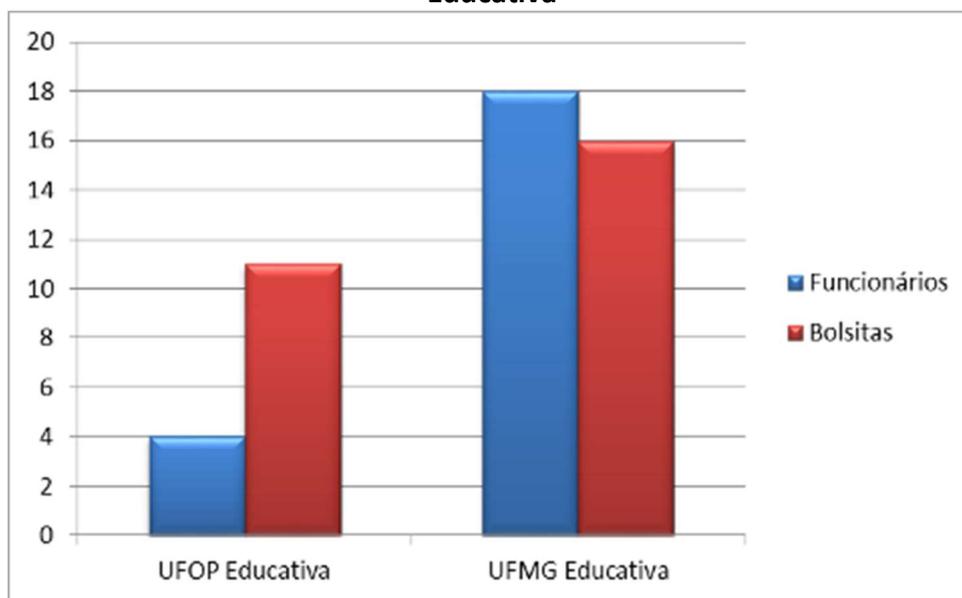
O trabalho dos bolsistas nas rádios UFOP Educativa e UFMG Educativa é percebido como um processo que beneficia os alunos e também as emissoras. De maneira geral, no entendimento de Kempf (2003), esse processo é inerente aos modelos de produção desse tipo de emissora que já foram considerados nos aspectos históricos discutidos anteriormente no presente artigo. Segundo a autora,

a liberdade de experimentar novos formatos, de inovar quanto ao conteúdo da programação, beneficia a formação de uma rádio diferente das comerciais e, ao mesmo tempo, desenvolve nos estudantes, conhecimento e criatividade para a realização da futura atividade profissional (KEMPF¹ *apud* DEUS, 2003, p. 314).

O gráfico abaixo demonstra a composição das equipes das duas emissoras estudadas na pesquisa com base em dados de setembro de 2017 individualizando o número de bolsistas e funcionários em cada uma delas:

¹ KEMPF, Helena de Oliveira. Rádio Universitária Pública: reflexão sobre sua função. 2003. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, mar. 2003. Não publicado.

Gráfico 1 – Composição das equipes da Rádio UFOP Educativa e da Rádio UFMG Educativa



Fonte: MEDEIROS (2017).

Embora seja uma abordagem quantitativa, com base no gráfico 1 é possível inferir a importância que os bolsistas têm para as duas emissoras, já que são parte bastante significativa da equipe total das duas rádios e desempenham funções em diferentes áreas do conhecimento, como será possível destringir na parte do trabalho que analisa as respostas dos ex-bolsistas no questionário desenvolvido para a pesquisa.

3.1 Rádio UFOP Educativa

A Rádio UFOP Educativa foi inaugurada em 21 de agosto de 1998 e funcionou de modo experimental até 2001, quando efetivamente estruturou sua programação. A emissora opera em FM 106,3 e transmite a partir do campus da Universidade usando um transmissor de baixa potência (25 Watts), o que restringe sua área de alcance em ondas hertzianas à cidade de Ouro Preto e parte da cidade de Mariana, embora seja possível ouvir a Rádio também através da internet.

Em entrevista concedida no âmbito desta pesquisa, o coordenador de jornalismo da Rádio UFOP Educativa, Gláucio Santos, sublinha que esses pontos destacados no modelo de programação estão presentes desde o início da Rádio, ao considerar que ela “é criada como um veículo para divulgação científica e para o diálogo com a comunidade, o que inicialmente parece ser a vocação da emissora” (SANTOS, 2017).

A programação da Rádio UFOP Educativa começou a ser estruturada desde a sua inauguração, em 1998, mas foi consolidada em 2001 e é orientada desde 2010 pelo Projeto Acadêmico e de Desenvolvimento Institucional para o Sistema de Comunicação Integrada na UFOP. De acordo com Gláucio Santos, todos os processos feitos na emissora partem dos princípios contidos no Projeto Acadêmico, que representa “uma diretriz ampla que diz como é e como deve funcionar a comunicação da Universidade” (SANTOS, 2017).

O Projeto Acadêmico prevê que os setores que integram a Central de Comunicação Público Educativa, incluindo a Rádio UFOP Educativa, devem ser os interlocutores entre a Universidade e a comunidade através da

difusão de programas voltados para educação, cultura, preservação da memória, da história regional e nacional, veiculação de produção musical de qualidade, incentivo ao debate e à reflexão, divulgação de projetos e de resultados de pesquisa científica, campanhas de conscientização e de cidadania, [...] abrangendo um universo ainda maior de pessoas e disseminando informações tendo como referencial o conceito de interesse público. (UFOP, 2010, p. 24)

O que se configura como característica particularizante das rádios universitárias apontado no presente trabalho é verificado também na Rádio UFOP Educativa, ao considerá-la um espaço de experimentação e uma espécie de laboratório principalmente para os estudantes, configurando, “pela própria identidade da emissora, um espaço colaborativo de produção e de formação” (SANTOS, 2017). A equipe fixa da emissora é pequena, composta por quatro funcionários e onze bolsistas, o que confere ainda mais importância à atuação dos estagiários e seu processo de formação.

A vinculação entre a emissora e os estudantes de diversos cursos da Universidade também pode ser percebida desde o começo da emissora, ainda que a instalação da Rádio tenha sido anterior à criação do curso de Comunicação na UFOP. A emissora “começa sem profissionais e sem estudantes ligados ao curso de comunicação porque o curso de comunicação é muito novo, então ela já começa com a participação da comunidade acadêmica” (SANTOS, 2017).

3.2 Rádio UFMG Educativa

A Rádio UFMG Educativa foi inaugurada no dia 06 de setembro de 2005 através de uma parceria da Universidade Federal de Minas Gerais com a Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás) – que viria a se tornar a Empresa Brasil de Comunicação (EBC). A parceria então inédita deu à UFMG a possibilidade de explorar a concessão outorgada à Radiobrás e assim a Rádio UFMG Educativa começou a funcionar com um transmissor de 1,5 kW de potência. Embora os estúdios tenham sido montados e funcionem até hoje no campus Pampulha da UFMG, o aparato de transmissão da emissora foi instalado na cidade de Contagem, uma vez que a legislação permite apenas uma rádio educativa por cidade e a frequência destinada a esse tipo de emissora já estava ocupada em Belo Horizonte. De acordo com o primeiro coordenador da emissora, Elias Santos, “o processo de construção da Rádio UFMG Educativa sempre foi e sempre será coletivo” (SANTOS, 2010, p. 45).

A linha editorial da rádio foi pensada a partir de três eixos centrais que até hoje norteiam as configurações de programação, produção de conteúdo e identidade da emissora: **visibilidade**, **formação complementar** e **alternativa**. O eixo que interessa à discussão traçada pelo presente artigo e é explicitada desde o começo da emissora é o que diz respeito à formação complementar. Conforme evidencia Elias Santos, desde o começo esse aspecto foi fator determinante para a construção da emissora, já que muitas pessoas que ajudaram a construir o projeto

nunca tinham trabalhado com Comunicação e algumas nem ouvido rádio em suas vidas. Daí a necessidade de desenvolver micro-oficinas de rádio com esse público diverso, pois a partir do momento em que você conhece os processos da Comunicação é possível formar um público mais crítico e apresentar produtos mais eficazes e diferenciados (*id. ibid.*).

Atualmente, quase a metade da equipe da rádio é composta por bolsistas em todas as áreas e vindos de diferentes cursos. Além disso, a emissora tem muitos programas produzidos em sua completude por colaboradores que não são profissionais da comunicação radiofônica, como servidores técnico-administrativos, representantes de coletivos de música, DJ's, professores, entusiastas de gêneros musicais específicos, justificando a fala de Elias Santos de que

é fácil complementar [a possibilidade da rádio servir como espaço de formação complementar] em relação aos alunos dos cursos de Comunicação e Engenharia. Porém, em plena sociedade dita da informação, acreditamos que todos os cidadãos deveriam conhecer um pouco melhor os processos de construção da informação (SANTOS, 2014, p. 14-15).

Assim, a formação complementar se torna um processo sistêmico que abrange os bolsistas e sua relação direta com as disciplinas dos cursos e os colaboradores externos em sua relação com os processos de produção de um conteúdo radiofônico.

A abordagem destacada até aqui sobre a formação complementar nas duas rádios se deu a partir da visão de gestores e recuperação histórica das características das emissoras universitárias. Enquanto proposta que confere ainda mais importância à pesquisa, o próximo tópico apresenta os resultados dos questionários aplicados aos ex-bolsistas da Rádio UFMG Educativa e da Rádio UFOP Educativa.

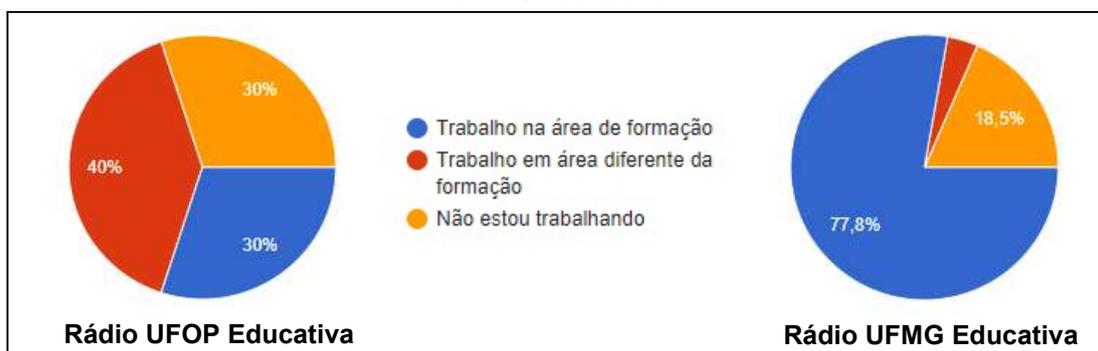
4. Resultados: A formação complementar sob a ótica dos bolsistas das rádios UFOP Educativa e UFMG Educativa

Como forma de buscar as opiniões dos ex-bolsistas sobre diferentes aspectos do trabalho realizado por eles nas respectivas rádios foram aplicados questionários a serem respondidos on-line. As duas emissoras não têm dados completos sobre a quantidade de bolsistas que já passaram por seus diferentes setores e tão pouco os contatos desses sujeitos, assim, o questionário foi divulgado pelas emissoras em suas páginas e em grupos de redes sociais que reúnem alguns ex-funcionários. A partir da busca por essa amostra voluntária, o questionário foi respondido por 10 ex-bolsistas da Rádio UFOP Educativa e por 27 ex-bolsistas da Rádio UFMG Educativa.

O questionário se constitui de 22 questões, sendo 5 delas preambulares que buscam características gerais sobre os respondentes, como escolaridade e sexo. Aqui será apresentada uma síntese das respostas de forma a apresentar os resultados com base no referencial teórico constituído e também nos objetivos buscados.

A primeira questão apresentada aqui perguntou aos ex-bolsistas sobre a situação atual de trabalho deles. As respostas são apresentadas no Gráfico 2:

Gráfico 2 – Ocupação atual dos ex-bolsistas da Rádio UFOP Educativa e da Rádio UFMG Educativa

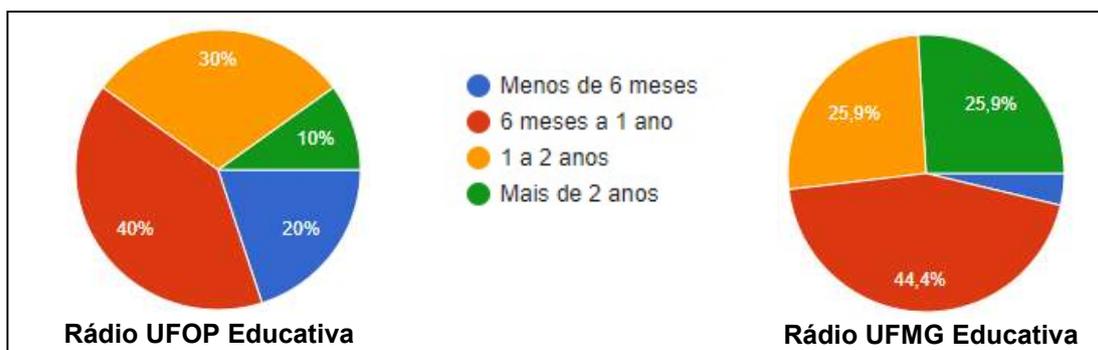


Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Há uma discrepância na situação dos profissionais que atuaram na Rádio UFOP Educativa e na Rádio UFMG Educativa. A grande maioria dos ex-bolsistas da emissora da capital do estado estão trabalhando na área de formação enquanto na rádio do interior porcentagem significativa dos respondentes não estão trabalhando ou trabalham em área diferente da formação. Em aproximação com os profissionais do jornalismo, Santos e Castro (2013) explicam que “muitos ainda acreditam que não há qualidade no jornalismo praticado no interior, restringindo sua busca por uma colocação profissional aos grandes centros” (SANTOS; CASTRO, 2013, p. 6), o que ajuda a explicar esse dado aqui encontrado.

A segunda pergunta investiga o tempo médio de permanência dos bolsistas nas emissoras. Os dados são vistos abaixo, no gráfico 3:

Gráfico 3 – Tempo de permanência dos bolsistas na Rádio UFOP Educativa e na Rádio UFMG Educativa



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Tanto na Rádio UFOP Educativa quanto na Rádio UFMG Educativa o tempo de permanência da maioria dos bolsistas é inferior a um ano. Essa alta rotatividade poderia ser considerada prejudicial à continuidade das produções, porém quando os modelos de produção de conteúdo são bem delimitados e existe a constante instrução dos bolsistas recém-chegados, os processos são mantidos de maneira satisfatória sem grandes prejuízos para a rádio. Conforme exemplificado no Gráfico 4, a maioria dos ex-bolsistas consideram como muito satisfatória a orientação recebida durante as atividades nas emissoras, o que corrobora com o esse entendimento de continuidade dos processos.

Gráfico 4 – Grau de satisfação dos ex-bolsistas com a orientação recebida durante as atividades nas rádios UFOP Educativa e UFMG Educativa



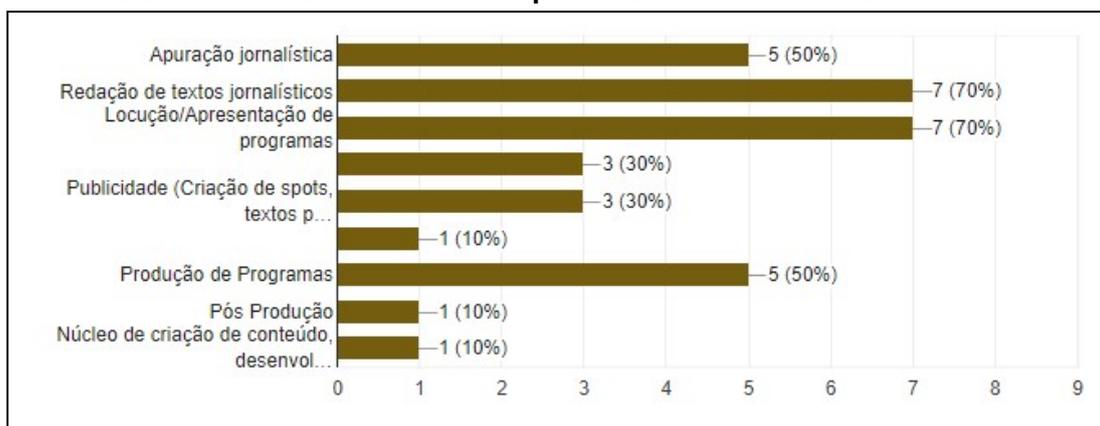
Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Sobre esse aspecto, Gláucio Santos sustenta que “cada sujeito que chegue aqui [na Rádio UFOP Educativa] tenha a oportunidade de sair com uma bagagem daqui e que nós também possamos aprender com o que ele traz” (SANTOS, 2017).

Embora tenham aparecido nos questionários respostas de ex-bolsistas que cursaram música, história, artes cênicas, rádio e TV e ciências sociais, mais de 90% deles eram oriundos do curso de Jornalismo da UFMG enquanto entre os respondentes da Rádio UFOP Educativa o número representa 70%. O curso de Jornalismo na UFMG começou a funcionar em 1962, enquanto a UFOP teve sua primeira turma em 2008, quando a rádio vinculada à universidade já completava 10 anos.

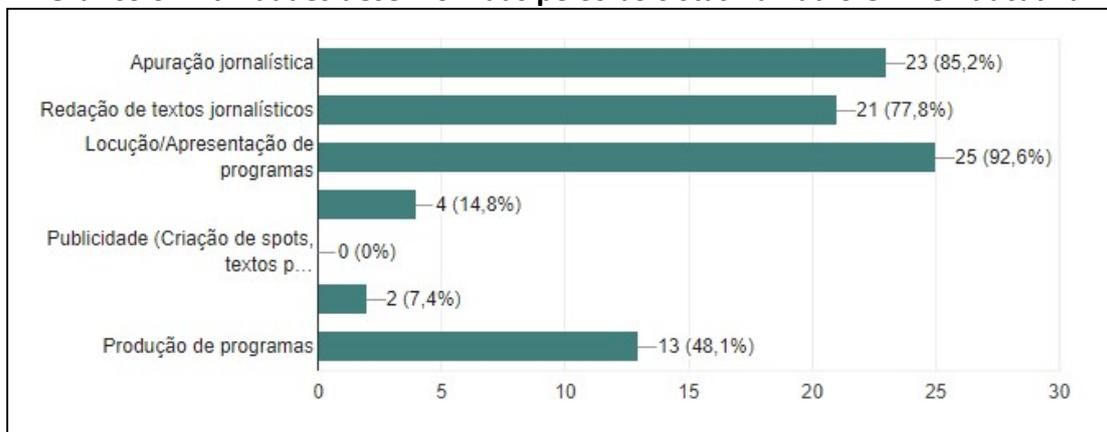
Os gráficos 5 e 6 podem ser relacionados diretamente ao número de estudantes dos cursos de jornalismo que foram bolsistas nas duas emissoras, uma vez que diz respeito às atividades desempenhadas durante a permanência nas emissoras.

Gráfico 5 – Atividades desenvolvidas pelos bolsistas na Rádio UFOP Educativa



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Gráfico 6 - Atividades desenvolvidas pelos bolsistas na Rádio UFMG Educativa



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

É possível perceber a diversificação das atividades desempenhadas nos múltiplos setores das duas rádios. A Rádio UFMG Educativa é organizada administrativamente nas áreas de produção, jornalismo, técnica/engenharia e programação musical e recebe bolsistas em todos esses núcleos.

5. Conclusão

A partir da revisão bibliográfica, das entrevistas realizadas e dos dados obtidos com os questionários foi possível perceber que as rádios universitárias públicas são importantes espaços para formação complementar dos estudantes que por elas passam porque, enquanto inseridas no espaço universitário, essas emissoras têm a possibilidade de oferecer um acompanhamento muito estreito com o aprendizado em sala de aula. Além disso, esse aspecto também pode ser entendido quando se observa os modelos de produção de conteúdo nas duas emissoras estudadas no presente artigo, percebendo que grande parte dos conteúdos vem da comunidade universitária não especializada em radiodifusão e de produtores externos às universidades. Nesse sentido, a capacitação desses produtores é uma forma de formação.

Um ponto que se apresenta bastante relevante na pesquisa é a forma de produção colaborativa e aberta nas duas emissoras, contando com a participação de variados núcleos acadêmicos e administrativos das universidades, além de servidores e de membros da comunidade externa, o que potencializa também a diversidade de conteúdos veiculados e a experimentação de formatos e gêneros radiofônicos. Ainda que com um cuidado técnico para a manutenção da qualidade de conteúdo veiculado, essa possibilidade de experimentação pode ser vista nas duas rádios em interlocução com a importância da ampla participação de bolsistas, que somam quase a metade da equipe total da Rádio UFMG Educativa e representam quase três vezes o número de funcionários da Rádio UFOP Educativa, evidenciando o eixo das rádios universitárias como laboratórios.

Como desdobramento do presente trabalho, é intenção dos pesquisadores entrevistar os ex-bolsistas respondentes como forma de aprofundar as relações discutidas no artigo. Outro ponto que é de interesse para um futuro desenrolamento da pesquisa tenciona verificar a relação do trabalho dos bolsistas em associação com os currículos dos cursos de jornalismo das duas universidades.

REFERÊNCIAS

BLOIS, Marlene M. Rádio educativo: uma escola de vida e de cidadania. In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana. (Org.). **Rádio: sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. Rádios Universitárias públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. In: **Em Questão**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327-338, jul./dez. 2003.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. O papel das rádios universitárias públicas na extensão universitária. In: VIII Congresso ibero-americano de extensão universitária, 2005, Rio de Janeiro. **Navegar é preciso... transformar é possível**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. p. 91-96.

MEDEIROS, Rafael. **Características dos modelos de programação das rádios universitárias públicas**: estudo a partir das rádios UFMG Educativa e UFOP Educativa. 2017. Monografia (Graduação) – Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MEDEIROS, Rafael; TEIXEIRA, Nísio. Bases históricas para os modelos de programação das rádios universitárias públicas. In: **Anais do V Encontro Regional Sudeste de História da Mídia**. Belo Horizonte: Alcar, 2018a.

MEDEIROS, Rafael; TEIXEIRA, Nísio. Bases históricas para os modelos de programação das rádios universitárias públicas. In: **Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2018, Belo Horizonte. **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2018b.

PIMENTEL, Fábio Prado. **O rádio educativo no Brasil**: uma visão histórica. 2. ed. Rio de Janeiro: SOARMEC Editora, 2009.

SANTOS, Darlan Roberto dos; CASTRO, Juliana Monteiro de. Jornalismo do Interior: Características, estigmas e seu papel na sociedade. In: **Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Alcar, 2013.

SANTOS, Elias. Rádio UFMG Educativa. In: PRATA, Nair (Org.). **O rádio entre as montanhas**: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: Fundac, 2010.

SANTOS, Elias. Rádio UFMG Educativa: origem, desafios e perspectivas. In: **Rádio em Revista**. Departamento de Comunicação Social/ FAFICH – UFMG. Belo Horizonte, 2014, v.10, p. 8-16.

SANTOS, Gláucio. **Entrevista**: Gláucio Santos. Entrevista concedida a Rafael Medeiros em 24 de outubro de 2017. Ouro Preto, 2017.

SPENTHOF, Edson Luiz. A Importância das Rádios e TVs Universitárias como Laboratórios. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v.1, n.1, p. 153-166, jan./ jun. 1998.

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFC

SPENTHOF, Edson Luiz. A experiência laboratorial da Rádio Universitária da UFG e o debate sobre o aperfeiçoamento pedagógico dos cursos de jornalismo. In: **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 1, n. 2, 2007.

UFT. **Diretrizes da Rádio UFT FM**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2018. Disponível em: <<http://docs.uft.edu.br/share/s/l4ckJZyZQD6ASdT2Yd1WHw>>. Acesso em: 14 out 2018.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação das rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

SOBRE OS AUTORES:

Rafael Medeiros: Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (PUC Minas) e em Jornalismo (UFMG). E-mail: rmedeiros13@gmail.com.

Nísio Teixeira: Professor Adjunto vinculado ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Ciências da Informação (UFMG). E-mail: nisioitei@gmail.com.